

Protocolos verbais como recurso metodológico: evidência de pesquisa

Alessandra Baldo
Universidade Federal de Pelotas
lelabaldo@terra.com.br

Resumo

Este artigo tem como objetivo refletir sobre o uso de protocolos verbais enquanto método de coleta de dados em pesquisas de natureza qualitativa, mais especificamente sobre a limitação que se apresentou como a mais significativa para seu emprego em um estudo sobre inferência lexical na língua estrangeira (BALDO; VELASQUES, 2010), ou seja, a sua natureza subjetiva. Iniciamos com uma breve revisão da literatura sobre os protocolos, à qual se segue uma descrição da pesquisa em que esses foram empregados. Com base nisso, a questão da subjetividade é ilustrada por meio de amostras de classificações dissonantes realizadas de modo independente por dois pesquisadores. A discussão final é realizada apresentando-se o caminho trilhado para minimizar o obstáculo, com a intenção de contribuir para aprimorar a eficácia no uso de protocolos verbais em pesquisas futuras.

Palavras-chave: protocolos verbais; métodos de pesquisa qualitativa; inferência lexical; L2.

Abstract

This article aims at reflecting on the use of verbal protocols as a methodological resource in qualitative research, more specifically on the aspect regarded as the main limitation of a study about lexical inferencing in L2 (BALDO; VELASQUES, 2010): its subjective trait. The article begins with a brief literature review on protocols, followed by a description of the study in which they were employed as methodological resources. Based on that, protocol subjectivity is illustrated through samples of unparalleled data classification, carried out independently by two researchers. In the final section, the path followed to minimize the problem is presented, intending to contribute to improve efficiency in the use of verbal protocols in future research.

Keywords: verbal protocols; qualitative research methods; lexical inferencing; L2.

1. Introdução

Protocolos verbais (PVs), também chamados de protocolos de pensar alto, são usados para fazer referência a verbalizações do pensamento, feitas por determinados indivíduos, durante o processamento de uma tarefa cognitiva. O objetivo principal de sua utilização é o de instruir sujeitos a verbalizarem seus pensamentos de modo que estes possam ser aceitos como dados válidos (ESPINO, 2007).

Sendo um instrumento de análise introspectivo, os PVs têm uma importância ímpar para estudos que investigam processos cognitivos, entre eles a leitura. Em uma revisão da literatura, Afflerbach (2000, p. 166) conclui que as contribuições que eles têm oferecido podem ser percebidas tanto em estudos visando a um único processo, como análise da ideia principal do texto, geração de inferências, predição dos conteúdos e monitoramento cognitivo, como em estudos visando a vários processos de forma conjunta, procurando desenvolver a totalidade da tarefa de leitura.

A aplicação dos PVs nesses estudos diversos sobre leitura tem sido acompanhada por uma frequente discussão em torno das suas vantagens e limitações metodológicas, como será visto na seção seguinte. Nesse contexto, o objetivo deste artigo é contribuir para essa discussão a partir de uma experiência de pesquisa sobre processos de leitura em língua estrangeira (L2) em que PVs foram empregados, especificamente com relação ao fator que se apresentou como o mais problemático na utilização desses durante a etapa de análise de dados, ou seja, seu caráter subjetivo.

O artigo está organizado em cinco partes. Após esta introdução, é apresentada uma revisão da literatura sobre os aspectos considerados positivos e negativos no uso de PVs; em seguida, é descrita a metodologia adotada no estudo, juntamente com uma breve explicação da pesquisa em que os protocolos foram empregados; depois são demonstradas as análises dos dados interpretados de forma dissonante pelos pesquisadores, em avaliações independentes, seguidas

das possíveis causas para tal fato. Na última parte, são estabelecidas considerações a partir da retomada do objetivo inicial e da análise dos dados.

2. Protocolos verbais: vantagens e limitações

Ericsson e Simon (1980, 1993), os principais responsáveis pela sistematização dos PVs a partir do início da década de 1980, explicam que, com a diminuição da crença na eficácia da teoria behaviorista, na qual o foco da atenção estava direcionado para as relações estímulo-resposta, e a consequente busca para entender os mecanismos e as estruturas internas dos processos cognitivos que produzem essas relações, os métodos introspectivos começaram a ser novamente utilizados. Eles propõem uma subdivisão desses entre PVs concorrente, nos quais os sujeitos realizam a tarefa e produzem as verbalizações ao mesmo tempo, e PVs retrospectiva, nos quais os sujeitos relatam processos cognitivos que aconteceram em um momento anterior. Entre os dois, os autores definem que o mais usado é o primeiro, por possibilitar que se obtenha um traço direto da informação em foco “e, daí, um traço indireto dos estágios internos do processo cognitivo” (ERICSSON; SIMON, 1993, p. 220).

Ericsson e Simon partem dos seguintes pressupostos: um processo cognitivo é uma sequência de estados internos sucessivamente transformados por uma série de processos de informação; a informação é armazenada em várias memórias, com diferentes capacidades e características de acesso. Para eles, há vários armazenamentos sensoriais de curta duração; uma memória de curto prazo (STM) com capacidade e duração limitadas; uma memória de longo prazo (LTM) com grande capacidade e armazenamento relativamente permanente, mas com tempo de acesso e de fixação mais lento. Assim, as informações adquiridas mais recentemente são mantidas na STM, e as informações da LTM devem primeiramente ser resgatas da STM antes de serem relatadas.

Com relação aos PVs, os autores detalham que as informações se encontram na STM e fazem uma diferença entre as verbalizações que são uma articulação ou uma explicação direta da informação armazenada e as verbalizações nas quais essa informação funciona

como um dado de entrada para processos intermediários, como abstração e inferência.

A possibilidade de se obter um traço indireto dos processos cognitivos humanos é, no nosso entender, a principal vantagem da técnica. No entanto, ela também é uma de suas maiores desvantagens, pois a transformação da evidência indireta do processo cognitivo em dado mensurável somente acontece por inferência do pesquisador, a qual pode ser equivocada. Em nossa pesquisa, por exemplo, determinados dados foram classificados diferentemente pelos pesquisadores, o que pode ser creditado, em grande parte, à presença mais significativa do componente inferencial na avaliação dos dados, em comparação a outros instrumentos de análise.

O problema da subjetividade relacionado aos PVs foi citado já na década de 1970, em um dos primeiros trabalhos sobre estratégias utilizadas por leitores mais e menos proficientes em leitura em língua estrangeira (OLSHAVSKI, 1977). Para o autor, o fato de a inferência ser feita pelo pesquisador, e não pelos sujeitos analisados, faz com que ela esteja sujeita a interpretações equivocadas.

Mais recentemente, Zago (1998), ao questionar as dificuldades percebidas por sujeitos durante a aplicação dos PVs em um estudo sobre a relação entre leitura e conhecimento de vocabulário em L2, descobriu que a principal delas era realizar duas ações ao mesmo tempo, ou seja, compreender o texto e relatar o processo de compreensão. Esse obstáculo do método é endossado por Taylor e Dionne (2000, p. 415), ao afirmarem que “somente traços observáveis do pensamento são verbalizados, e, conseqüentemente, o processamento paralelo ou automatizado pode não ser relatado de modo confiável”.

Por outro lado, suas vantagens também são constantemente enfatizadas (OLSHAVSKY, 1977; ERICSSON; SIMON, 1993; TAYLOR; DIONNE, 2000; AFFLERBACH, 2000), em especial as seguintes: os sujeitos relatam comportamento em vez de processo; não há intervalo de tempo entre leitura e resposta; é possível identificar os dados como um registro do comportamento contínuo, analisados pelo pesquisador para evidência de estratégias.

Um número significativo de estudos em linguística aplicada na área de ensino-aprendizagem de língua, e em especial na habilidade de leitura (SARIG, 1987; ANDERSON, 1991; BLOCK, 1992;

SCARAMUCCI, 1995; PERFETTI et al., 1996; ZWAN; BROWN, 1996; NASSAJI, 2003; BALDO, 2006), tem se beneficiado desses aspectos positivos do método. De fato, os PVs representam uma alternativa de metodologia de pesquisa em linguística aplicada, pois, como afirma Leow (2000 apud CAMPS, 2003, p. 215), eles possibilitam observar os processos cognitivos dos aprendizes por meio da elicitación de dados, o que pode oferecer evidência suficiente para uma compreensão mais completa do modo de agir dos participantes durante a realização de tarefas específicas.

Afflerbach (2000) pensa de modo semelhante. Especificamente nos estudos sobre leitura, o autor afirma que os PVs têm apresentado uma grande contribuição, especialmente devido à flexibilidade e à apropriação da sua metodologia, demonstradas pelas diversas aplicações nessa área. No entanto, ele sinaliza que sua utilização deve ser feita com atenção extrema aos aspectos que reforçam ou, de outro modo, diminuem a validade dos dados obtidos. Entre esses, chama a atenção para a etapa de decodificação, na qual a preocupação do pesquisador deve estar voltada para a confiabilidade dos dados.

Desse modo, considerando-se tanto a contribuição que os PVs têm oferecido em estudos aplicados – de modo particular, na área de leitura – como a importância da decodificação criteriosa dos dados por eles disponibilizados, passamos a ilustrar, na seção seguinte, as dificuldades com as quais nos defrontamos até ser possível chegar a um patamar de confiabilidade aceitável nas classificações dos processos inferenciais dos sujeitos de nossa pesquisa, a partir da evidência dos PVs por eles produzidos.

3. Metodologia

A metodologia utilizada constitui-se na análise de excertos de PVs utilizados em um estudo sobre inferência lexical na língua estrangeira (BALDO; VELASQUES, 2010, Cf. descrição a seguir) no qual as classificações dos recursos de processamento inferencial, subdivididos entre fontes de conhecimento e estratégias, não foram consensuais para os pesquisadores envolvidos.

Do total de 64 recursos classificados, houve, em uma primeira análise, concordância em 53 dos casos, e discordância em nove deles.

Isso representa, em termos percentuais, 14% do total, o que é bastante representativo no que se refere à confiabilidade dos dados. Quatro dessas dissonâncias foram resolvidas com novo exame dos PVs, realizado em conjunto, mas cinco continuaram sendo objeto de discussão (selecionadas para análise na seção seguinte). Como, em termos percentuais, esse número ainda era alto para os padrões que buscávamos, a solução encontrada foi uma segunda apreciação, feita em conjunto novamente, a fim de chegarmos a um consenso final sobre esses casos.

Antes de passarmos à descrição e análise das cinco seções de PVs, primeiramente apresentaremos, de modo sucinto, a pesquisa em que eles foram empregados, a fim de possibilitar ao leitor a compreensão das motivações dos pesquisadores para suas classificações.

3.1. Síntese da pesquisa

Os PVs foram provenientes do banco de dados da pesquisa de doutorado de Baldo (2006)¹. Foram selecionados exclusivamente os excertos relativos às quatro questões de inferência lexical de dezesseis alunos do Programa de Pós-Graduação em Letras de uma universidade do Rio Grande do Sul com formação, descrição acadêmica e atuação profissional na área de língua inglesa. Na pesquisa de 2006, as inferências lexicais foram avaliadas com base em quadro comparativo com mais de 20 estratégias de leitura, e esse fato motivou novo estudo para uma análise mais detalhada a respeito da natureza dessas inferências, de acordo com a descrição aqui realizada.

No trabalho de 2006, os instrumentos foram: a) um teste de leitura em L2 com doze questões gerais de compreensão, quatro delas relativas à inferência lexical; b) lista de estratégias de leitura; e c) uso de PVs. A aplicação dos instrumentos deu-se da seguinte forma: em sessões individuais e após checagem do pesquisador sobre o entendimento do funcionamento da técnica dos PVs a partir de um

¹ A tese, defendida na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul sob orientação da professora Vera Wanmacher Pereira e co-orientação do professor William Grabe, intitula-se *Estratégias de leitura na língua materna e na língua estrangeira*.

exercício por parte do sujeito, este procedia à leitura silenciosa de um texto em língua inglesa e, em seguida, respondia a questões de compreensão pela técnica dos PVs, as quais incluíam formular o significado de quatro palavras/expressões (Tabela 1). O texto era uma resenha publicada no jornal americano *The Philadelphia Inquirer* sobre o filme brasileiro *Cidade de Deus*, do diretor Fernando Meirelles, intitulada “Rio Project, a most unholy City of God” (RICKEY, 2003). Esse texto foi selecionado por acreditarmos que: a) o assunto seria de conhecimento geral dos sujeitos, mas, mesmo assim, por não se tratar de assunto tão recente, a interferência do conhecimento prévio, uma das variáveis que desejávamos controlar, estaria menos acentuada²; b) o tópico seria de interesse, dada a popularidade atingida pela obra cinematográfica de Meirelles.

Os itens lexicais podem ser visualizados na Tabela 1, juntamente com seu significado em português, o contexto imediato no qual aparecem no texto e a respectiva tradução.

Na pesquisa de 2010, utilizaram-se os PVs relativos às questões sobre inferência lexical obtidos no estudo de 2006 e também a proposta de classificação de fontes de conhecimento e estratégias de inferência lexical de Nassaji (2003). Para o autor, as fontes de conhecimento gramatical, morfológico, discursivo, de língua materna (L1) e de mundo constituem o primeiro tipo de recurso; as estratégias de releitura, repetição, verificação, autoquestionamento, análise, monitoramento e analogia, o segundo, conforme Tabelas 2 e 3.

² Vale mencionar que os dados foram coletados em 2004, dois anos após o lançamento do filme.

Tabela 1. Itens lexicais em contexto

Item lexical	Contexto	Tradução
1) <i>partitioned</i> (processo de dividir)	<i>Set in a Rio de Janeiro housing Project built in the 60s, partitioned by drug gangs in the 70s, and exploded into a full-blown war zone by the 80s, City of God is an epic</i>	Filmado no projeto de moradia carioca construído nos anos 60, dividido por gangues de droga nos anos 70 e transformado em uma verdadeira zona de guerra pelos anos 80, <i>Cidade de Deus</i> é um drama-documentário épico – elétrico e cruel.
2) <i>docudrama</i> (filme baseado em fatos reais)	<i>docudrama – electric and raw.</i>	
3) <i>hair-trigger temper</i> (temperamento explosivo)	<i>The person Rocket most dreads is Li'l Zé (Leandro Firmino da Hora), whose hair-trigger temper and trigger-finger have cast a giant shadow over the City of God since both were children.</i>	A pessoa que Rocket mais teme é Lil'Zé (Lenadro Firmino da Hora), cujo temperamento explosivo e dedo sempre engatilhado puseram uma sombra gigante sobre a Cidade de Deus desde que ambos eram crianças.
4) <i>carve out</i> (obter algo com muito esforço)	<i>[...] it has two characters with whom we can identify and empathize, who carve out a future in a place where tomorrow never comes.</i>	Há dois personagens com quem podemos nos identificar e criar empatia, que lutam por um futuro em um lugar onde o amanhã nunca chega.

Tabela 2. Fontes de conhecimento de inferência lexical

Fonte de conhecimento	Definição
Gramatical	Conhecimento das funções gramaticais ou categorias sintáticas, como verbo, adjetivos ou advérbios.
Morfológico	Conhecimento da formação e da estrutura da palavra, incluindo derivações, flexões, raízes, prefixos/sufixos.
Mundo	Conhecimento sobre o conteúdo/tópico que está além do texto.
Discursivo	Conhecimento sobre relações entre/nas sentenças e mecanismos coesivos entre diferentes partes do texto.
L1	Tentativa de inferência por tradução/busca de palavra na L1.

Tabela 3. Estratégias de inferência lexical

Estratégia	Definição
Repetição	Repetição de qualquer parte do texto.
Verificação	Verificação da aceitabilidade do significado inferido por checagem no contexto mais amplo e no contexto textual.
Auto-questionamento	Realização de questões a si próprio, sobre texto, palavras, etc.
Análise	Tentativa de descobrir o significado da palavra pela análise de suas partes ou componentes.
Monitoramento	Consciência do problema ou da facilidade/dificuldade da tarefa.
Analogia	Tentativa de descobrir o significado de uma palavra com base na similaridade de som ou forma com outras palavras.

A análise dos dados consistia em transformar as informações disponibilizadas nos PVs em recursos e estratégias inferenciais. Como essa tarefa é por natureza subjetiva, a classificação foi feita de modo independente pelos dois pesquisadores envolvidos no estudo, e verificada em conjunto depois de finalizada. Sempre que eram atribuídas categorias diferentes a um mesmo protocolo, procurava-se chegar a um acordo com o auxílio da literatura disponível. Nos casos em que, mesmo assim, não foi possível chegar a um consenso, uma segunda análise foi proposta, e os pesquisadores, incumbidos de refletir sobre a classificação mais adequada a partir dos dados dos PVs e de novas fontes bibliográficas.

4. Descrição e análise dos dados

Como mencionado na seção anterior, a comparação das classificações revelou, em uma primeira análise, uma discrepância em nove delas no que diz respeito ao uso das fontes de conhecimentos e/ou estratégias inferenciais. Quatro dessas dissonâncias foram resolvidas por meio de uma segunda análise, realizada em conjunto, mas cinco continuaram sendo objeto de discussão, e essas foram selecionadas para ilustrar o problema colocado em evidência neste trabalho. Os excertos de protocolos e os itens lexicais são os seguintes: protocolo verbal Sujeito 01, item lexical *docudrama*; protocolos verbais Sujeitos 05 e 09, item lexical *hair-trigger temper*; protocolos verbais Sujeitos 13 e 14, item lexical *carve out*.

I) Protocolo verbal do Sujeito 01 no item lexical *docudrama* (em português, filme baseado em fatos reais):

Sujeito: Isso aqui deve ser documentário dramático.

Entrevistador: Já tinhas visto essa palavra antes?

Sujeito: Não, mas pela forma da palavra, né, porque ele é um filme e também é um documentário, né. Não é só um drama, mas também é um documentário.

Interpretações dos pesquisadores com relação à fonte de conhecimento uso da língua materna:

A) O sujeito empregou a língua materna para chegar ao significado da palavra *docudrama* em inglês, relacionando as palavras “documentário” e “drama” da sua L1, previamente conhecidas.

B) O sujeito não empregou a língua materna, e sim seu conhecimento prévio de L2, já que o neologismo *docudrama* na L2 foi criado a partir de duas palavras da língua inglesa, *documentary* e *drama*, que, por coincidência, são cognatas na L1 do sujeito.

II) Protocolo verbal do Sujeito 05 no item lexical *hair-trigger temper* (em português, temperamento explosivo):

Está falando do Zé Pequeno também, que teria um temperamento *hair-trigger*, sabe-se lá, eu não conheço essa palavra *hair-trigger*, mas dá para se entender que é uma coisa meio explosiva, meio, não sei, estou chutando pelo que eu conheço da história e pelo paralelo que ela traça também como dedo, gatilho ali.

Interpretações dos pesquisadores com relação às fontes de conhecimento discursivo e de mundo:

A) Sujeito utilizou de forma significativa apenas o conhecimento de mundo. Apesar de afirmar “pelo paralelo que ela traça também com dedo, gatilho”, esse conhecimento por si só não levaria à inferência apropriada do item lexical.

B) Sujeito utilizou tanto as fontes de conhecimento de mundo (em particular no trecho “pelo que eu conheço da história”) e discursivo (no trecho “pelo paralelo que ela traça também com dedo, gatilho ali”) de forma complementar, estando uma em dependência da outra para a realização bem-sucedida da inferência do significado do vocábulo.

Cabe notar que, mesmo o sujeito declarando que a inferência realizada foi apoiada “pelo paralelo que ela traça também com dedo, gatilho ali”, o pesquisador A desconsidera esse dado sob o argumento de que, sem o conhecimento da história, as expressões *hair-trigger temper* e *trigger-finger* presentes no texto não seriam de auxílio para a realização bem-sucedida da inferência. Ainda que minha inclinação seja pela complementaridade das fontes de conhecimento, entendo que o método não consegue determinar isso com precisão.

III) Protocolo verbal do Sujeito 09 no item lexical *hair-trigger temper*:

Sujeito: *Hair-trigger temper*, na linha 97. *The person Rocket most dreads is Lil' Zé, whose hair-trigger temper and*³ [continua lendo em silêncio]. Um adjetivo usado aqui para descrever o comportamento dele, que é o chefe da gangue, esse Zé. Então, *trigger* eu acho que quer dizer um temperamento de cabelo em pé, quer dizer, o cara tá sempre, tipo assim, como a gente diz em português, palito de fósforo, eu acho que a gente diz isso, né.

Entrevistador: Pode ser, uma expressão, né.

Sujeito: Não é palito de fósforo. Uma expressão assim... Ai, não lembro, mas é nesse sentido de uma pessoa muito explosiva, muito...

Entrevistador: Pavio curto.

Sujeito: Pavio curto, isso. É, então a expressão tem esse sentido, mas não nas palavras que a gente usa.

Entrevistador: Já conhecia a expressão ou usou o contexto?

Sujeito: Foi pelo contexto, não conhecia. Por que *trigger*... é que para nós essa coisa de cabelo em pé remete à ideia de susto, né. Eu acho que aqui tem uma diferença de sentido.

Entrevistador: Mas você pensou em cabelo em pé?

Sujeito: É, mas quando você lê você vê e sabe de quem ele está falando, então só pode ser um temperamento violento, tem outros dados sobre o personagem.

Interpretações dos pesquisadores com relação à fonte de conhecimento gramatical:

A) O sujeito recorreu ao seu conhecimento gramatical no processo de inferência lexical, visto que se vale do conceito de adjetivo – especificamente aqui, sua função de qualificar o nome e sua posição na frase em língua inglesa – para fazer referência à palavra cujo significado estava buscando encontrar.

B) O sujeito de fato usa a palavra “adjetivo” em seu protocolo verbal, mas tal uso não tem relevância enquanto fonte de conhecimento auxiliar no processo de tentativa de construção do significado da expressão na L2. Isso se torna claro quando o sujeito afirma que o apoio para a inferência veio do contexto, pois “quando você lê você

³ “A pessoa que Rocket mais teme é Lil’Zé, cujo temperamento intempestivo e...” (tradução nossa).

vê e sabe de quem ele está falando, então só pode ser um temperamento violento, tem outros dados sobre o personagem”. Desse modo, o pesquisador entendeu como legítimos o uso do conhecimento da L1 (na tentativa de encontrar uma expressão com o mesmo sentido) e o uso do contexto, em concordância com o outro colega pesquisador, mas não o uso do conhecimento gramatical, já que há apenas a menção da palavra, mas não uma análise da contribuição da classe gramatical especificada pelo sujeito para a realização bem-sucedida da inferência.

IV) Protocolo verbal do Sujeito 13 no item lexical *carve out* (obter algo com muito esforço):

Sujeito: E depois nós temos *carve out a future*, então vamos ver, *fortunately there are two characters with whom we can identify and empathize, who carve out a future in a place where tomorrow never comes*⁴. Bom, *carve out* eu não posso associar, primeira análise eu não posso fazer nenhuma análise em português, porque não tem nenhuma palavra, então tenho que ir pro contexto pra ver como é que eu posso chegar a uma ideia aproximada desse significado [lê em silêncio]. É difícil quando tu tem mais ou menos na ideia, né, e não consegue expressar em palavras. Bom deixa eu ver aqui, *it has two characters with whom we can identify and empathize, who carve out a future where tomorrow never comes*. Minha primeira ideia foi “plantam um futuro”, mas eu acho que não sei, não tem a ver, me veio essa palavra, assim sei lá, aquela coisa assim de plantar um futuro, alguma coisa assim, mas aqui fala *where tomorrow never comes*, o amanhã nunca acontece, o amanhã nunca vem, então, agora me ocorreu gravar, tem alguma palavra em inglês que é parecido com gravar, encruar, alguma coisa, mas agora eu não consigo assim vir com uma palavra em português. Eu tenho mais ou menos a ideia do que seja, mas não consigo expressar em palavras... *two characters with whom we can identify and empathize, who carve out a future*, e agora me veio esperar, amadurecer, mas não, não consigo chegar a uma palavra.

Entrevistador: Mas esperar seria aproximado? Plantar?

⁴ “Felizmente, há dois personagens com quem nós podemos nos identificar e criar empatia, que batalham por um futuro em um lugar aonde o amanhã nunca chega” (tradução nossa).

Sujeito: É, eu associei agora, agora já veio um *expect*, esperar um futuro, mas aí aquele *tomorrow never comes* já seria o contrário, aí já não daria. O que ajudaria muito era um dicionário, mas aí não tem graça, vai estragar tua pesquisa. É, mas eu acho que seria aquela primeira ideia, assim, sei que não foi a mais apropriada, mas...

Entrevistador: De plantar?

Sujeito: É, plantar um futuro, tentar colher, mas não, também não me satisfaz. Fiquei em dúvida. A primeira coisa que vou fazer em casa com esse *carve out* é procurar num dicionário.

Interpretações dos pesquisadores com relação às estratégias de releitura e monitoramento:

A) O sujeito utilizou somente a estratégia de releitura a fim de inferir o significado do item lexical na L2 que lhe parecesse mais apropriado. Para o pesquisador, ficaram evidentes as várias releituras que o sujeito fez da frase na qual o vocábulo se encontrava; no entanto, não foi mencionado o uso da estratégia de monitoramento.

B) O sujeito utilizou tanto a estratégia de releitura como a de monitoramento ao longo de sua tentativa de inferência lexical. Já de início, o sujeito comenta que “primeira análise eu não posso fazer nenhuma análise em português, porque não tem nenhuma palavra, então tenho que ir para o contexto”, o que foi entendido pelo pesquisador como exemplo de monitoramento do processo cognitivo que estava sendo adotado para chegar ao significado da nova palavra. Após duas releituras da frase e duas sugestões de possíveis significados, o sujeito afirma que tem a ideia aproximada do significado, mas não consegue “expressar em palavras... chegar a uma palavra”, e tal afirmação foi novamente entendida como evidência do uso da estratégia de monitoramento das etapas que o sujeito estava percorrendo a fim de realizar a inferência apropriada – ou, conforme definição de Nassaji (2003), como evidência da consciência do problema ou da facilidade/dificuldade da tarefa. Finalmente, após novas tentativas de encontrar a palavra na L1 que fosse condizente com a sua referente na L2, o sujeito explica que está em dúvida e insatisfeito, e que, para solucionar isso, vai recorrer ao dicionário assim que tiver oportunidade. Novamente, essa atitude foi interpretada pelo pesquisador como prova do uso dessa estratégia.

V) Protocolo verbal do Sujeito 14 no item lexical *carve out*:

E a última, *carve out*, deixa eu ver como é o contexto dela... uh, eu não sei se aí tem uma ideia de desvendar, ou de, não me vem a palavra, eu consigo entender no inglês, mas não tenho a palavra no português (relê a frase em silêncio)... desvendar um futuro, não, desvendar, ou eles têm uma ambição no futuro, ou um lugar no futuro, eu não sei, eu acho que pode ser isso, *carve out*, eu não sei, é que ele tá procurando, ele que tá, ou é uma coisa quê?

Interpretações dos pesquisadores com relação à fonte de conhecimento da L1:

A) O sujeito buscou seu conhecimento da L1 como recurso para a tentativa de realização da inferência do vocábulo na L2, o que pode ser evidenciado no trecho “não me vem a palavra, eu consigo entender no inglês, mas não tenho a palavra no português”.

B) O sujeito não empregou o conhecimento da L1 no seu processo de elaboração da inferência do vocábulo na L2. Embora faça referência à dificuldade de encontrar o termo equivalente na L1, não emprega, de fato, qualquer tipo de conhecimento da língua materna – gramatical, morfológico, sintático – para tentar descobrir o significado da expressão na L2.

Ao analisarmos esses cinco exemplos em conjunto, o que mais chama a atenção é que as justificativas para a seleção – ou não – de determinada fonte de conhecimento e/ou estratégia pelos pesquisadores não são facilmente desconstruídas. Elas são elaboradas a partir de argumentos bem fundamentados, e o fator determinante para sua validação é, na grande maioria dos casos, o ponto de vista do pesquisador. Tomemos, por exemplo, o protocolo verbal do Sujeito 01. O pesquisador A entendeu que o conhecimento da L1 foi utilizado em função dos significados que as palavras “documentário” e “drama” possuem na língua materna; diferentemente, o pesquisador B partiu do pressuposto de que a nova palavra teria sido inferida a partir do conhecimento prévio da L2, a partir das palavras *documentary* e *drama*. A questão que parece mais problemática aqui é que não há como saber por certo se a fonte de conhecimento utilizada foi a L1 ou a L2, dada a relação cognata de ambas as palavras na língua materna e

na língua estrangeira. Esse fato, no nosso entender, se deve a dois dos problemas mais frequentemente encontrados no emprego dos PVs, como já discutido previamente: a) processos automatizados tendem a ser menos relatados pelos sujeitos, pois são menos percebidos, o que traz como consequência direta que; b) essa informação não relatada seja inferida pelo pesquisador, quando da etapa de decodificação dos dados⁵.

A fim de reafirmarmos isso, observemos novamente o exemplo IV, referente ao PV do Sujeito 13 no item lexical *carve out*. Enquanto o pesquisador A, em sua análise dos protocolos, não identificou o emprego da estratégia de monitoramento de compreensão, o pesquisador B o fez em várias ocasiões. Novamente, a justificativa para esse resultado inconciliável parece estar nos diferentes níveis de pensamento inferencial mostrados pelos dois pesquisadores: enquanto o primeiro, a fim de realizar suas classificações, se detém na informação que está disposta de modo explícito, o segundo valoriza também a informação mais implícita.

Assim, ainda que as diferenças de classificações sejam resolvidas em conjunto e seja buscado um consenso, em toda e qualquer pesquisa cuja metodologia esteja embasada em PVs, é importante ressaltar que a objetividade alcançada – e possível, naturalmente – deverá ser sempre entendida como relativa, dentro dos limites do método.

5. Considerações finais

Neste artigo, analisamos cinco casos de interpretação problemática de dados provindos de PVs para um estudo sobre inferência lexical na L2. O objetivo foi levantar uma reflexão sobre o fator que se apresentou como o maior limitador do emprego desse método, ou seja, a subjetividade inerente ao instrumento.

⁵ É possível que o sujeito tenha se valido do conhecimento prévio nas duas línguas nesse caso. No entanto, o escasso nível informativo do PV, acrescido da inexistência de uma fonte de conhecimento que contemplasse essa possibilidade e da natureza do próprio item lexical, constituem, no nosso entender, os três fatores que determinaram a significativa dificuldade de categorização desse protocolo. Nesse sentido, ele é um exemplo completo do que estamos tentando demonstrar neste artigo.

Embora seja bem aceita a ideia de que não se dispõe atualmente de outro método que possibilite o contato com processos cognitivos de modo tão completo como os PVs, são aceitas também suas limitações. Na nossa experiência de uso dos PVs aqui relatada, as diferenças de resultados encontrados pelos pesquisadores com relação à decodificação destes se fizeram presente ao longo da etapa de análise de dados. Como explicado anteriormente, para resolvê-las, os membros do grupo adotaram os procedimentos sugeridos com frequência pela literatura especializada, como se segue:

a) classificação dos dados presentes nos protocolos de forma independente pelo pesquisador e pelo(s) assistente(s);

b) comparação do resultado obtido por meio das classificações;

c) no caso de discrepâncias entre os resultados dos pesquisadores, condução de nova análise, em conjunto, para chegar a um consenso sobre a classificação mais plausível;

d) na possibilidade de ainda haver discordância sobre algum resultado, realização de uma nova análise, de modo independente pelos pesquisadores, seguida de análise em conjunto para decisão sobre a classificação mais apropriada.

Nosso entendimento foi de que, de modo geral, o cumprimento dessas etapas resultou em dados suficientemente confiáveis. Cabe mencionar, contudo, que em nosso estudo não houve a adoção da sugestão de Ericsson e Simon (1993) para minimizar o efeito da subjetividade própria das análises com PVs, que consiste em coletar informação extra na forma de protocolos retrospectivos após a finalização da tarefa a fim de evitar qualquer interrupção na linha de raciocínio que é desenvolvida pelo sujeito durante a realização desta. Assim, é possível que tivessem sido encontradas menores diferenças nos resultados das nossas classificações, ou, em outras palavras, que teríamos evitado algumas das dificuldades relatadas neste artigo.

De acordo com Del Ré (2006), a escolha por dados qualitativos ou quantitativos – e seus respectivos métodos de coleta – é definida pela postura teórica do investigador frente às questões de pesquisa que se propõe a examinar. Dessa forma, o desafio é tirar o máximo de proveito das vantagens oferecidas pela técnica selecionada e, ao mesmo tempo, buscar alternativas para suas limitações. Nesse contexto, nosso objetivo aqui, ao mostrar tanto as dificuldades encontradas na análise dos protocolos em nossa pesquisa como os

procedimentos adotados para superá-las, pode ser traduzido como uma tentativa de superação desse desafio.

Referências

AFFLERBACH, Peter. Verbal reports and protocol analysis. In: PEARSON, David P.; KAMIL, Michael L.; MOSETHAL, Peter B.; BARR, Rebecca (Eds.). *Handbook of Reading Research III*. Londres: Routledge, 2000. p. 163-175.

ANDERSON, Neil J. Individual differences in strategy use in second language reading and testing. *The Modern Language Journal*, v. 75, p. 460-472, 1991.

BALDO, Alessandra. *Estratégias de leitura em língua materna e língua estrangeira*. 2006. 210 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BALDO, Alessandra; VELASQUES, Matheus T. *Estratégias de leitura: uso da L1 e inferência lexical*. Relatório final de pesquisa. Centro de Letras e Comunicação, Universidade Federal de Pelotas, 2010.

BLOCK, Ellen. See how they read: comprehension monitoring of L1 and L2 readers. *TESOL Quarterly*, v. 26, n. 2, p. 319-343, 1992.

CAMPS, Joaquim. Concurrent and retrospective verbal protocols as tools to better understand the role of attention in second language tasks. *International Journal of Applied Linguistics*, v. 13, p. 201-221, 2003.

DEL RÉ, Alessandra. A pesquisa em aquisição da linguagem: teoria e prática. In: _____ (Org.). *Aquisição da Linguagem: uma abordagem psicolinguística*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 13-44.

ERICSSON, Anders K.; SIMON, Herbert, A. Verbal report as data. *Psychological Review*, v. 87, n. 3, p. 215-251, 1980.

_____. *Protocol analysis: verbal report as data*. MIT Press: Cambridge, 1993.

ESPINO, Sabrina P. *Present Perfect: uma questão de aspecto*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2007.

LEOW, Ronald P. A study of the role of awareness in foreign language behavior: aware versus unaware learners. *Studies in Second Language Acquisition*, v. 22, p. 557-584, 2000.

NASSAJI, Hossein. L2 vocabulary learning from context: strategies, knowledge sources and their relationship with success in L2 lexical inferencing. *TESOL Quarterly*, v. 27, n. 4, 2003.

OLSHAVSKY, Jill E. Reading as problem solving: an investigation of the strategies. *Reading Research Quarterly*, v. 12, p. 654-674, 1977.

PERFETTI, Charles; MARRON, Maureen A.; FOLTZ, Peter W. Sources of comprehension failure: theoretical perspectives and case studies. In: CORNOLDI, Cesare; OAKHILL, Jane (Eds.). *Reading comprehension difficulties: process and intervention*. Mahwah: Erlbaum, 1996. p. 137-165.

RICKEY, Carrey. Rio Project, a most unholy city of God. *The Philadelphia Inquirer*, Philadelphia, 25 jan. 2003.

SARIG, Gigi. High-Level reading in the first and in the foreign language: some comparative process data. In: DEVINE, Joane; CARRELL, Patricia; ESKEY, David (Eds.). *Research in reading in English as a second language*. Washington: TESOL, 1987. p. 105-120.

SCARAMUCCI, Matilde Virgínia R. *O papel do léxico na compreensão em leitura em língua estrangeira: o foco no produto e no*

Protocolos verbais como recurso metodológico

processo. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1995.

TAYLOR, Lynn; DIONNE, Jean Paul. Accessing problem solving strategy knowledge, *Journal of Education Psychology*, v. 92, n. 3, p. 413-425, 2000.

ZAGO, Neivo. *Leitura de textos acadêmicos em inglês: uma questão de léxico ou de conhecimento prévio?* Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Línguas Estrangeiras da Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 1998.

ZWAN, Rolf A.; BROWN, Carol M. The influence of language proficiency and comprehension skill on situation-model construction. *Discourse Processes*, v. 21, p. 289-327, 1996.

Recebido em: 25/07/2011

Aceito em: 02/01/2012

Title: Verbal protocols as methodological resources: research evidence